

“Eu achei que quando eu casasse, eu podia ser mais livre” Memórias e Representações sobre o casamento em uma cidade do interior baiano nas décadas de 1980 e 1990

Janaína dos Santos Maia*

Regina Coelli do Nascimento**

Resumo: Neste artigo analisaremos as concepções a respeito do casamento tidas por algumas mulheres, que, nas décadas de 1980 e 1990, residiam em uma cidade do interior baiano, chamada João Dourado. Através dos relatos orais e dos arquivos pessoais cedidos por essas mulheres, buscaremos compreender as memórias e as representações que estas tinham sobre o matrimônio, no período em que tinham atingido a juventude, e entender de que maneira o espaço vivido por elas influenciava sobre as suas concepções tomando como base as experiências que estas viveram no período estudado. Para isso, as leituras dos conceitos de *cultura* presente em Roger Chartier (1999) e de *espaço e lugar* em Michel de Certeau (2008), combinada com a discussão sobre *memória* feita por Lucilia Delgado (2010), serão considerados para fundamentar o presente estudo.

Palavras-Chave: Casamento- Memória- Representação

“A primeira vez que eu usei um vestidinho e um tamanquinho” O desabrochar para a juventude

“Teve essa festa e na hora a Mãe disse que eu não ia lá. Até hoje eu me lembro disso (riso). Chorei a noite toda. Foi tão de um jeito, que os vizinhos foram lá pedir, porque todo mundo ia. Era um acontecimento importante na cidade e era bom eu ir. Mas ela dizia; “Não vai, eu já disse que não vai!” .

* Bolsista PET-UFCG

** Tutora PET-UFCG

*Eu não fui, e eu lembro que no meio da discussão eu chorando falei assim: “Tá bom, a senhora disse que não era para eu fazer coisa errada, pois quando sair eu vou fazer!” (riso). Tipo uma vingança sabe?.*¹

Esta epígrafe foi retirada de uma entrevista realizada com a professora Sirleide na cidade de João Dourado, em fevereiro de 2012. Nesta fala a entrevistada conta que a sua mãe não a deixou ir a uma festa, por ter descoberto, poucas horas antes do evento, que a sua filha tinha começado um namoro às escondidas.

Ao analisarmos este episódio nos questionamos: Por qual motivo a mãe de Sirleide temeu que sua filha fosse ao citado evento pelo fato desta ter um namorado? Qual seria a natureza da “coisa errada” que a professora faria assim que sáísse? Que peso a ocorrência deste fato teria para a sua vida e para as pessoas que a conheciam na cidade de João Dourado? Sabemos que a coisa errada, dita pela entrevistada, seria feita por um motivo de vingança, já que Sirleide tivera seus planos frustrados e com isto não pode comparecer, segundo ela, ao acontecimento importante que seria realizado naquele dia.

Acontecimentos iguais a estes, ao qual a professora Sirleide não pôde comparecer quando era mais jovem, se fizeram comuns na cidade de João Dourado a partir do ano de 1985, ano em que a cidade, que antes era reconhecida como povoado de Canal de Irecê, conquistou a sua emancipação política e pode figurar no cenário regional na condição de cidade podendo, a partir daquele instante, organizar seus próprios festejos e usufruir da autonomia conquistada.

Passando a ser, no início da década de 1980, reconhecida pelo nome de João Dourado-Bahia, naquela época foi considerado importante que, logo de início, aquele lugar tivesse a proteção de um santo padroeiro, função que foi delegada a São José, assim, a partir do ano de 1986, no mês de março, o padroeiro passou a fazer com que as moças e senhoras da cidade tivessem motivos para estrear as roupas que foram

¹Entrevista concedida à Janaína dos Santos Maia, no dia 24/02/2012, pela professora Sirleide Rodrigues da Cruz, 35 anos, cidadã joaodouradense.

cuidadosamente escolhidas para ser usada na ocasião. Não podemos nos esquecer de citar as inaugurações das praças, escolas e avenidas, que, naquela época, suscitaram muitos burburinhos, assim como da festa de emancipação da cidade que começava à tarde com os desfiles em homenagem ao fundador Coronel João Dourado e que terminava à noite com uma atração musical local que estivesse tendo visibilidade na época.

Situada na região Oeste do estado da Bahia e contando atualmente com uma população de aproximadamente 22.359 habitantes², percebemos hoje, que João Dourado, e vista até hoje como uma cidadezinha do interior baiano, João Dourado nas décadas de 1980 e 1990 foi palco de uma série histórias de jovens que ao chegarem a sua adolescência ansiavam pelas novas experiências comuns às meninas que haviam finalizado a fase de sua infância e que agora esperavam por algo que pudesse modificar as suas vidas.

Tendo a maioria destas meninas desde cedo a obrigação de cuidar dos afazeres domésticos quer em suas casas, quer na casa de algum conhecido (que no final da semana lhe dava o “dinheirinho pra comprar as suas coisinhas”) não é de se espantar que estas, prematuramente, já tivessem a noção do que é ser uma dona de casa e já estivessem preparadas quando fossem assumir, no futuro, as obrigações do seu ninho.

Aquelas que frequentavam a escola acabavam sofrendo um pouquinho mais, já que, tinham que se dividir entre a jornada doméstica e a do saber. A ida à escola sempre era incentivada pelos pais, categóricos ao dizer que a única coisa que poderia dar de bom para os filhos era a instrução.

Contudo, percebemos a partir da análise dos depoimentos cedidos pelas mulheres da cidade de João Dourado, que, embora houvesse o anseio por parte destas de viverem novas experiências, o que era comum para a sua idade, e o desejo por parte dos seus pais de que estas fossem instruídas, muitas vezes essas meninas se viam desamparadas no que diz respeito à orientação, já que, segundo elas, dificilmente em sua época se falava sobre tudo aquilo que era necessário para melhor lhes instruir e sanar algumas de suas dúvidas, em especial àquelas relacionadas ao sexo. Tal fato se

²Dados do IBGE do ano 2010

confirma no depoimento da professora Ana Célia que, num dado momento, nos fala das dificuldades que era obter tipo de orientação em meados da década de 1980.

“Hoje em dia não, mas a minha mãe mesmo, nunca foi assim de chegar e falar a realidade, sempre teve aquele tabu né? entre a mãe e o filho, mas a gente aprendia assim com a vida, e também eu comecei a trabalhar nas casas, e meu pai trabalhava na roça, e quando a gente passa dos 12 anos a gente já que ter as coisas da gente.”³

Ao analisarmos este trecho de entrevista, em especial a parte em que Ana Célia diz que “a gente aprendia assim, com a vida”, notamos que para as jovens de João Dourado nos anos de 1980 e 1990, o início de sua juventude, assim como para grande parte das jovens que passavam por essa fase de transição, era considerado como um período de grandes aventuras, já que, devido à falta de orientação, elas mesmas tinham que traçar os caminhos que as levariam a descobrir o que as fazia diferente de quando eram crianças.

Para isto, certos lugares em João Dourado se configuravam em espaços que poderiam servir como ponto de encontro entre amigas que poderiam dividir e viver novas experiências, exemplo disso pode ser a matinê de Seu Noel, que se situava na rua da delegacia e que, todo o domingo à tarde, costumava oferecer às pessoas da cidade algumas horas de entretenimento ao exibir alguns filmes, na maioria das vezes bem antigos, e aonde segundo a professora Ana Célia “a gente sempre ia, e quando voltava era pra contar as novidades que aconteceu⁴” Neste meio tempo havia também as visitas ocasionais do circo e do parque à cidade, que se configurava em um bom motivo para que as meninas que tivessem uma mãe ou um pai rigoroso, pudessem sair “pra ver a rua”, isso claro, se alguém de confiança se dispusesse a levá-las.

Dentre estes lugares, havia aqueles que, embora fossem destinados para o exercício de uma determinada função, acabavam se transformando em espaços de paquera e de encontros, como era o caso da feira de todos os sábados, que acontecia na

³Entrevista concedida à Janaína dos Santos Maia, no dia 30/01/2013, pela professora Ana Célia Lopes de Oliveira Dourado 43 anos, cidadã joaoduradense.

⁴(idem)

área central da cidade, aonde as meninas iam para ajudar as suas mães a fazerem a feira da semana e aproveitavam para dar uma espiadela nas pessoas que passavam por ali, quando iam à banca do “Seu Menino” perguntar qual o preço da manga espada. Não esquecendo que, no outro dia haveria a missa dominical pela manhã, onde aquelas meninas que economizaram o dinheiro da semana e puderam comprar alguma roupa nova na feira do sábado, certamente iriam com muito mais ânimo para fazer a sua estreia que, combinado com o encontro da mocidade presbiteriana logo no início da noite, poderia ser tornar um cenário perfeito para o início de uma nova experiência amorosa.

Segundo Michel de Certeau (2008) os lugares presentes na cidade são como elementos dispersos que, a partir da experiência e das práticas dos indivíduos, acabam por se tornarem espaços de vivências que formam o cotidiano do lugar e dos homens que dele fazem parte. No caso de João Dourado, percebemos que para as moças que lá viviam, o lugar fixo que estava inserido dentro da cidade poderia ganhar um novo sentido a partir das suas novas experiências, que fazia com que este lugar adquirisse uma série de re-significados em razão de suas práticas.

Embora percebamos tal fato, não devemos deixar de ressaltar que o inverso disto pode ser considerado como algo verdadeiro, ou seja, o espaço também pode exercer uma série de influências sobre os homens que o compõe, e no caso do espaço aqui estudado, pode-se dizer que quando o assunto girava em torno de temas como, virgindade, casamento e família, a influência dos espaços onde estas jovens viviam, contribuía para as representações que estas tinham a respeito destes assuntos, que muitas vezes giravam em torno da “coisa errada” que professora Sirleide nos falou no início de sua fala.

“O que é que a moça não tem, e se tiver não é moça?”⁵ Representações sobre casamento, virgindade e família

O título acima “O que é que a moça não tem, e se tiver não é moça?” foi retirado de um caderno de confissões que fora cedido por uma joaodouradense, que nas décadas

⁵ Adivinhação retirada do caderno de confissões de Vilma Elza dos Santos, cidadã João Douradense

de 1980 e 1990 vivia as aventuras e desventuras da sua juventude. Até hoje não se achou a resposta certa desta charada, já que, a própria dona do objeto, ao ser questionada sobre o assunto, dissera não lembrar da resposta por ter esquecido de anotá-la em uma outra folha.

Não sabemos ao certo se a proprietária do caderno realmente não se lembra ou se, por algum motivo não quis nos revelar este mistério, mas, considerando o contexto no qual estava inserida a dona do citado caderno de confissões, podemos inferir alguns dos muitos sentidos que poderiam ser atribuídos à charada em questão.

Estando este contexto situado no espaço que corresponde à cidade de João Dourado nas décadas de 1980 e 1990, pressupomos que só a partir do conhecimento da realidade e das representações presentes neste lugar, na época em questão, é que poderíamos atribuir o significado desta adivinhação naquele contexto, pois como Roger Chartier diz:

A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objetivo identificar o modo como diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. (CHARTIER, 1999: p.17)

Seguindo a opinião do autor, optamos por seguir o caminho que nos leve a compreender as representações que se tinha em João Dourado sobre virgindade, casamento e família, em especial entre as jovens desta época, para que assim, quem sabe, mais a frente possamos desvendar a resposta desta charada misteriosa.

Fazendo uma análise das memórias das jovens joaodouradenses no período estudado, notamos que suas concepções a respeito do casamento, inevitavelmente, estavam imbricadas com suas representações sobre a virgindade, pois, para a maioria delas, a perda desta levava imediatamente a concretização daquele ou vice versa. Voltando a analisar a entrevista da professora Sirleide pudemos identificar alguns aspectos que contribui para a elucidação deste ponto.

“O pedido de casamento foi normal, porque eu já tinha perdido a virgindade. Ele veio para falar que queria casar. Como naquele tempo, moça que se perdesse não podia ficar né? Aceitei. Resolveu tudo rápido, naquele tempo não podia demorar (riso). E minha mãe ficou pensando que eu tava

grávida. E eu não tava, passou ainda 1 ano para eu poder engravidar. Meus pais não queriam, mas ao mesmo tempo eles pensavam de não deixar casar, e depois ficar namorando com um e com outro e se prostituir.”⁶

Quando a entrevistada nos diz que “moça que perdesse não podia ficar [sem casar]” e “depois ficar namorando, com um e com outro e se prostituir” percebemos que se houvesse uma jovem que tivesse perdido a sua virgindade, seria necessário que houvesse um casamento, mesmo que esta, como foi o caso de Sirleide, não estivesse grávida, pois havia o medo de que esta moça por não ser mais virgem namorasse outros rapazes e com isto, fosse vista por todos do lugar como uma prostituta.

Tal concepção a respeito do corpo feminino virgem é resultado, segundo Jurandir Freire Costa (1979), de uma série de discurso médicos, jurídicos e sociais que foram criados no início do século XX com o objetivo de disciplinar as mulheres, para que estas não sucumbissem à tentação de se entregar a um homem que não fosse o seu marido, uma vez que o sexo era algo que seria voltado para a procriação, e não como um prazer carnal que deveria ser usufruído de maneira libertina, pois ações como essas só caberiam às mulheres da vida.⁷

Notamos que neste contexto, era através do corpo que se consolidava o discurso que designava as exigências sociais a serem seguidas pelas mulheres para que estas fossem vistas pela sociedade como “boa-moça” e, mais à frente, uma mulher boa para casar. Para isso, era necessário que estas seguissem um comportamento apropriado para uma “moça direita” que seria o de andar direito para não ficar falada (FRAGA, 2000), e, caso isso saísse das regras, era necessário que esta, para não ficar com fama de “perdida”, recuperasse sua honra se casando com o homem com quem havia perdido a virgindade.

Havendo agora a certeza de que o matrimônio seria algo inevitável, as jovens daquela cidade que se encontrassem na situação acima citada, teriam de se preparar para

⁶ Entrevista concedida à Janaína dos Santos Maia, no dia 24/02/2012, pela professora Sirleide Rodrigues da Cruz, 35 anos, cidadã joaoduradense .

⁷ COSTA, Jurandir Freire, *Ordem Médica e norma familiar* – Rio de Janeiro: edições Graal, 1979 (Biblioteca de filosofia e história das ciências; v n°5)

o momento de transição onde passariam a ser conhecidas como “a mulher de fulano”, ao invés de ser vista somente como “a filha de sicrano”. Com isto, muitas delas teriam suas vidas modificadas, tendo somente a idealização do que seria na realidade o seu casamento.

Estando em uma faixa etária que girava em torno dos 16 aos 18 anos, essas meninas, a partir do casamento, não estariam mais sob a tutela dos seus pais e, conseqüentemente, não precisariam ser mantidas por estes e nem pedir o consentimento deles para a execução de suas ações. Mesmo que elas estivessem sob a responsabilidade de seus maridos, tudo na vida delas certamente seria mais fácil, pelo menos foi assim que Ana Célia pensou.

“Nesse tempo a gente só pensa que vai ser igual brincar de boneca (risos) que não ia ter problema nenhum, ia ser igual a você brincar de casinha, que não ia ter dificuldade nenhuma, mas a realidade é outra.”⁸

Ao analisarmos as concepções sobre o casamento mantidas por essas mulheres entre as décadas de 1980 e 1990, percebemos uma clara semelhança com a conduta moral das mulheres dos “Anos Dourados”⁹ que pregava o ideal do matrimônio, como uma instituição social “natural” que seria destinada às mulheres e para a qual estas deveriam, desde cedo, estar preparadas, já que, para uma mulher ser completamente realizada, esta precisava ter seu marido e também seus filhos (BASSANEZI, 2004).

Mas neste universo, o que nos chama a atenção é o fato de que, ao mesmo tempo em que estas meninas seguiam o “curso natural” de suas vidas ao se casarem, elas acreditavam que a partir do momento em que estivessem casadas poderiam desfrutar de uma vida mais emocionante, se comparada com aquela que tinham quando eram sujeitadas às regras que lhes eram impostas na casa paterna, pois segundo Sirleide:

⁸ Entrevista concedida à Janaína dos Santos Maia, no dia 30/01/2013, pela professora Ana Célia Lopes de Oliveira Dourado 43 anos, cidadã joaoduradense.

⁹ Ver: BASSANEZI, Carla. “Mulheres dos Anos Dourados”. In.: PRIORE, Mary del (org.). História das mulheres no Brasil. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 607-639.

Eu achava que a vida ia mudar totalmente depois de casada. Como realmente mudou. Eu achei que eu poderia ser mais livre. Como minha mãe era muito rígida, eu achei que teria mais liberdade de sair, acho que isso influenciou também, não foi nem tanto de dizer “Ai! ele é o homem da minha vida!” eu era muito presa, eu não saía muito, e sentia falta disso¹⁰

A partir de depoimentos semelhantes aos que foram concedidos pela professora Sirleide, notamos que, para as meninas que residiam na cidade de João Dourado, o casamento seria um caminho pelo qual elas alcançariam a tão sonhada liberdade, e no caso da professora, a ideia do casamento não deveria estar essencialmente ligada ao ideal romântico, já que esta nos diz não ter tido a certeza na época em que se casou de que o seu marido seria o “homem da sua vida”.

Percebemos que, diferente da juventude feminina que residia nas cidades metropolitanas de São Paulo e do Rio de Janeiro, lugares nos quais, segundo os dados do PNAD (Pesquisa Nacional por Amostras em Domicílio) dos anos de 1982 e 1997, consolidavam definitivamente o lugar de destaque da mulher brasileira no mercado de trabalho e pelo reconhecimento do direito de exercerem sua liberdade individual sem discriminação de gênero (COMEGNO, 2003), as meninas joaodouradenses acreditavam que era através do matrimônio que elas consolidariam o seu lugar diante da sociedade.

Sendo assim, percebemos que o casamento para estas não seria algo pelo qual deveriam temer, ao contrário das pessoas que tinham o receio de sair do conforto do lar de sua família no momento em que decidisse enveredar pelos caminhos do matrimônio, ou de ser oprimida pela figura do seu cônjuge, elas saíam com prazer de suas casas, por acharem que ao lado de seus respectivos maridos todas as dificuldades poderiam ser vencidas, ideia que para umas se concretizou e para outras nem tanto, mas falaremos sobre isto em outra conversa.

¹⁰ Entrevista concedida à Janaína dos Santos Maia, no dia 24/02/2012, pela professora Sirleide Rodrigues da Cruz, 35 anos, cidadã joaodouradense .

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Referências

ARAÚJO, Eronides Câmara de. *“Fazer de algumas passagens, quadros e quem sabe um dia, você possa Assinar”*: homens traídos e práticas da masculinidade para suportar a dor. Campina Grande, 2011.

BASSANEZI, Carla. *“Mulheres dos Anos Dourados”*. In.: PRIORE, Mary del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 607-639.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Vol. I. 5 ed., Petrópolis: Rio de Janeiro, 2008.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrand/Difel, 1990.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

COSTA, Jurandir Freire, *Ordem Médica e norma familiar* – Rio de Janeiro: edições Graal, 1979 (Biblioteca de filosofia e história das ciências; v n°5)

COUTINHO, Sabrine Mantuan dos Santos/ MENANDRO, Paulo Rogério Meira. *Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: "Que seja terno enquanto dure"*. 2010, vol.22, pp. 83-106.

GONÇALVES, Helen, *Aproveitar a vida: Um estudo antropológico sobre valores, juventude e gravidez em uma cidade do interior*, Porto Alegre, 2004

MAIA, Cláudia de Jesus. : *A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral-Minas Gerais (1890-1948)*, Universidade de Brasília, 2007.

VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira, *Evas e Marias em Serrolândia: práticas e representações sobre as mulheres em uma cidade do interior (1960-1990)*. Salvador, 2006.